

ENVIO DE CARTAS. PRÁTICAS EDUCATIVAS E CRIAÇÃO EM ESCRILEITURAS

*SENDING LETTERS. EDUCATIONAL PRACTICES AND CREATION IN
ESCRILEITURAS*

*EL ENVÍO DE CARTAS. PRÁCTICAS EDUCATIVAS Y CREACIÓN EN
ESCRILECTURAS*

Emília Carvalho Leitão Biato

Doutoranda em Educação pela UFMT.

Aline Campos

Graduada em Psicologia pela UFMT.

Vanessa Proença

Graduanda em Psicologia pela UFMT.

Vithória Duarte

Graduanda em Psicologia pela UFMT.

Silas Borges Monteiro

Doutor em Educação pela USP. Docente do Programa de Pós-Graduação em
da UFMT.

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)
Cuiabá – MT – Brasil

Endereço:

Avenida Fernando Correa da Costa, 2367
Boa Esperança- Cuiabá - MT
CEP: 78060900

E-mails:

emiliaclbiato@me.com
alinedesc@gmail.com
vanessaa.proenca@hotmail.com
vithoriacduarte@gmail.com
silasmonteiro@me.com

Resumo: O “Projeto Escreleituras: um modo de ‘ler-escrever’ em meio à vida” se configura como pesquisa e como ação em parceria com escolas associadas aos núcleos de pesquisa de quatro universidades brasileiras, tem em vista práticas docentes que favoreçam e ampliem o desenvolvimento da leitura que se faz pela escrita e da escrita que se faz pela leitura, como práticas indissociáveis, desenvolvidas aqui em Oficinas de Transcrição (OsT). Este estudo teve como objetivo a tomada de textos produzidos por professores e alunos durante uma oficina. Para a manipulação das *escreleituras*, lançou-se mão de gestos otobiográficos, que funcionam como recursos metodológicos para a escuta de vivências que permeiam a produção individual: expressões da escrita para si, da vontade de potência, da vida que quer, a todo tempo, mais vida. Simultaneamente, a *différance*, como abertura ao jogo, oportuniza envios resultantes da transcrição.

Palavras-chave: Escreleituras. Transcrição. Envio.

Abstract: The project *Escreleituras: um modo de 'ler-escrever' em meio à vida* (Escreleituras: a way of 'reading-writing' in the midst of life) is a research and action project, developed in partnership between schools and research groups of four Brazilian universities. It focuses on teaching practices that promote and enhance the development of reading through writing, and of writing through reading, seeing the two as inseparable practices, developed here in Transcreation Workshops (OsT). The aim of this study is take texts produced by teachers and students during a transcreation workshop. For handling the *escreleituras* we used otobiographical gestures, which act as methodological resources for listening to the expressions that permeate the individual production: expressions of writing for oneself, expressions of the desire to reveal power, expressions of a life that continuously seeks for more life. Simultaneously, the *différance*, as the opening of the game, gives an opportunity for inflow of the results of the transcreation.

Key-words: Reading-writing. Transcreation. Mailing.

Resumen: El "Proyecto Escrelecturas: un modo de 'leer-escribir' en medio a la vida" se configura como investigación y como acción en conjunto con escuelas asociadas a los núcleos de investigación de cuatro universidades brasileñas, considerando prácticas docentes que favorezcan y amplíen el desarrollo de la lectura que se hace por la escritura y de la escritura que se hace por la lectura como prácticas indisociables, desarrolladas aquí en Talleres de Transcreación (OsT). Este estudio tuvo como objetivo la toma de textos producidos por profesores y

alumnos durante un taller. Para la manipulación de las *escrilecturas* se recurrió a gestos otobiográficos, que funcionan como recursos metodológicos para la escucha de vivencias que impregnan la producción individual: expresiones de la escritura para sí, de la voluntad de potencia, de la vida que quiere, todo el tiempo, más vida. Simultáneamente, la *différance*, como apertura al juego, oportuniza envíos resultantes de la transcreación.

Palabras clave: Escrilecturas. Transcreación. Envío.

INTRODUÇÃO

Cartas são enviadas e seguem em direção a destinatários; são escritas como oferta a algum leitor. O envio derridiano, no entanto, parece desconstruir a necessidade de haver uma unidade de texto tecida e dedicada a remetimentos anteriores ou posteriores; é possibilidade carregada da ficção do autor que escreve pelo prazer de tracejar o texto para si, como remetimento sem origem; porém, parece ser ainda, texto lançado ao outro, ao mundo, a percorrer um destino incerto: envio implicado da *destinerrance*.

As cartas enviadas por Antonin Artaud durante seu período no manicômio de Rodez, destinadas a amigos e permeadas das sensações ali experimentadas, serviram de inspiração para a proposição da oficina de transcrição Cartas. Oficinas de transcrição são instâncias de fluidez e criação, de rompimento com as explicações da poesia, da música, do texto, da abertura ao movimento do pensamento (CORAZZA, 2011). Inserem-se no projeto "Escrileituras: um modo de 'ler-escrever' em meio à vida", vinculado ao Programa Observatório da Educação (Edital 038/2010/CAPES/INEP). Este projeto teve início no ano de 2011 e tem sido desenvolvido por quatro núcleos de universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). O projeto Escrileituras tem, como coordenadora geral, a Profa. Dra. Sandra Mara Corazza, da UFRGS e o núcleo UFMT é coordenado pelo Prof. Dr. Silas Borges Monteiro.

De acordo com Corazza (2007), *escrileitura* consiste em um texto que exige uma posição multivalente de coautoria entre leitor e escritor, para tornar-se, então, mais que um texto, e sim um exercício de pensamento construído conjuntamente por um escritor-leitor e leitor-escritor, um potenciador de criação. A *escrileitura* se dispersa por áreas do pensamento possuidoras de questionamentos que não se consegue formular, deste modo, acaba por operar aspectos ocultos e desconhecidos, além de mobilizar novos pensamentos.

Os quatro núcleos envolvem-se na oferta de oficinas de transcrição direcionadas a estudantes das licenciaturas e estudantes e professores da Educação Básica. Para tanto, participam das ações do projeto escolas públicas nas diferentes cidades onde se encontram os respectivos núcleos.

Para este estudo, enfocou-se a oficina de transcrição *Cartas*, realizada na Escola Estadual Paciana Torres de Santana, localizada em Cuiabá, MT, que participa do projeto junto ao núcleo UFMT. O objetivo foi a tomada de textos produzidos por professores e alunos durante a referida oficina, como *escrileituras* (produção simultânea de escritura e leitura), tendo em vista a escuta de vivências dos autores desses escritos, como saberes de si que permeiam a produção.

APONTAMENTOS TEÓRICOS

Como apontado anteriormente, as oficinas de transcrição (OsT) são práticas que provocam formas de aprender, com a possibilidade da pesquisa ser realizada de modo concomitante às ações de produção textual. Espera-se que esta produção traga o novo, as possibilidades do inusitado, da criação livre, a partir das oficinas de filosofia, biografema, lógica e pensamento matemático, teatro, artes visuais, música e corpo.

Estas ações se efetivam junto aos professores e aos estudantes, tendo em vista sua abrangência em todo o espaço escolar, o que parece contribuir para o desenvolvimento da prática docente, bem como da pesquisa e da produção acadêmica. Em um momento dedicado ao debate e à avaliação do projeto, realizado com membros do núcleo e professores da escola, vê-se que as OsTs funcionam, a princípio, como oferta de estratégias alternativas para o processo de ensino-aprendizado em sala de aula, com valor aos elementos lúdicos e artísticos e ao uso de materiais que normalmente são estrangeiros na escola. Ainda, de

modo mais apurado, os professores participantes identificam as propostas e as ações como provocativas de outros modos de operar o pensamento, a partir de outros elementos: abertura à diferença e às possibilidades de criação de linhas de fuga a condutas modelares e massificadoras nos espaços escolares.

Num movimento neste sentido, o *envio*, como conceito derridiano, foi a inspiração para a composição da proposta de oficina de transcrição, que foram denominadas Cartas e que surgiu de outras leituras, especialmente de trechos de cartas escritas por Antonin Artaud e publicadas nos volumes II e III de Cartas desde Rodez. Artaud foi escritor e dramaturgo, teve sua vida e morte na França de 1896 a 1948. É de um hospital psiquiátrico em Rodez que Artaud começa a escrever suas conhecidas cartas (TEIXEIRA, 1999).

Nossa proposta de escrita e envio de cartas toma a perspectiva derridiana acerca do caráter biográfico da escritura. A vida e a obra vêm como elementos que, se por um lado, não se explicam mutuamente e não se relacionam como causa e efeito; por outro, funcionam como indissociáveis, implicadas, envolvidas. Assim, o duplo vida-obra vincula-se ao *pathos*, ao que se sofre como alegria, tristeza, beleza, dor e irrelevâncias. De acordo com o fragmento nietzschiano (§ 6 [244] do outono de 1880), a produção de si imita as vivências e estas nos interessam em sua potência de modos de pensar, como uma sabedoria.

O texto, desta perspectiva, é aberto e indecifrável (DERRIDA, 2013) - não se pode ter a pretensão de desvelamentos - e se oferece assim aos nossos ouvidos e mãos (NIETZSCHE, 1995; DERRIDA, 2009). Ao se utilizar cartas de Nietzsche, de Van Gogh e de Artaud, exercitaram-se as *escrileituras* juntamente com os alunos e com os professores. Buscaram-se desencadear deslocamentos e movimentos do pensamento, tendo em vista a fruição e a produção do novo em forma de carta.

Ao ser escrito, o texto é lançado a seus leitores. Ao ser enviada, uma carta não se fixa à sua origem. A escritura se associa ao prazer de si para si mesmo, como exercício de autoafecção, relação dionisiaca com a existência, de quem se deleita e experimenta os excessos de sua própria letra, na culpabilidade e no prazer; ao mesmo tempo, é enviada para alguém, porém já começa em desvio e, sem origem precisa, toma seu trajeto errante: envio como *destinerrance*.

Efetivamente, o que se chama de significante, dessa perspectiva, passa a ser entendido como residente no mundo. Não é originalmente do mundo, mas deixa lá seu rastro. Na estrutura da autoafecção (que pode ser entendida como dar-

se-uma presença ou gozo), o outro pode ser acolhido no jogo tocante-tocado, o mundo pode ser admitido como terceiro. No nosso estudo, a carta se configura como escrita para o outro e, ao mesmo tempo, de si e destinada a si como gozo e culpa, como ato de fantasia, criação, artificialidade: efeitos de autoafecção.

Ao abordar a autobiografia nietzschiana, Derrida (2009) destaca o trecho do prólogo de *Ecce Homo* (1995, p. 28) “- E assim me conto minha vida”-, a partir do qual discute o caráter autobiográfico de toda escritura, e aponta que o próprio Nietzsche se configura como o primeiro, se não o único destinatário de seu escrito. A palavra dirigida, como apóstrofe, interpelação, chamada, é envio (DERRIDA, 2009); é correspondência postada como rastro, pegada da *différance*; não faz remissões, não é presença: não tem origem nem substrato transcendente (KLINGER, 2007).

O envio derridiano parece recuperar o estilo do homem grego antes deste ser dominado pelo pensamento platônico da representação (DERRIDA, 1996). Numa crítica à representação e ao sujeito, o envio da carta que se escreve primeiramente para si carrega a disseminação dos sentidos do texto, à semelhança do fragmento nietzschiano “esqueci meu guarda-chuva” (DERRIDA, 2013). Como todo fragmento, este não representa, não cumpre a prescrição platônica. Em primeiro lugar, falta contexto aos fragmentos, ao que considera Nehamas (1985) que, mesmo conhecendo o significado dos termos que constituem um fragmento, falta ao leitor a habilidade de oferecer uma interpretação precisa dele. Na impossibilidade e no abandono do desejo de obter as coisas mesmas, Nehamas aponta para o caráter indecível do “esqueci meu guarda-chuva” (p. 33).

Neste sentido, a carta escrita como texto de autoafecção é enviada e, assim, ganha caráter indecível. Na discussão sobre a *destinerrance* derridiana, Monteiro (2013a) trata do envio que não apresenta garantias de chegada, ou do caminho errante que pode percorrer. Nem sempre o pensamento está endereçado, nem sempre a carta chega ao endereço esperado; num percurso tortuoso, não é possível controlar seu destino em termos de codificação/decodificação. Ainda que caracterizada pelo “pandemônio”, conforme o termo usado por Monteiro, a escritura deixa rastros de seu autor, o texto-produção de si se encharca do vivido.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Nos meses de junho e julho de 2013, realizaram-se as OsT “Cartas” com a participação dos membros do grupo Estudos de Filosofia e Formação¹ (grupo

que assume o projeto na UFMT). A OsT Cartas se deu em dois momentos distintos: o primeiro teve como foco todas as quatro turmas do 9º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Paciana Torres de Sant'ana. O segundo foi voltado para os professores de diversas disciplinas que trabalhavam nessas e em outras turmas da escola.

A OsT com os alunos se deu em quatro encontros de aproximadamente uma hora, simultaneamente com as quatro turmas, nos quais se trabalhou com a leitura-escritura de cartas enviadas por Friedrich Nietzsche, Vincent Van Gogh e Antonin Artaud, além de se buscar obras e outros elementos que serviram de contextualização desses que foram aqui tomados por remetentes.

Numa carta a seu amigo Rohde², Nietzsche (2010) disserta sobre a escrita, permeada por suas dores de cabeça frequentes. Com inspiração na descrição feita por Van Gogh da paisagem de Arles, em seus tons azuis e amarelos, a escrita de cartas foi acrescida da pintura que ocupou os papéis inteiros em tons diversos com giz de cera.

O pintor, escritor e dramaturgo Antonin Artaud foi o escolhido para o quarto e último encontro. Alguns aspectos de sua vida-obra foram apresentados por meio de algumas fotos e trechos de seu discurso *Les malades et les médecins*. Conversou-se rapidamente com os alunos sobre o Teatro da Crueldade e o período de sua vida que passou internado em manicômios (ARTAUD, 1986, 2006). Em meio à apresentação de uma combinação de cartas escritas por Artaud aos médicos Latrimolière e Ferdière, com expressão em conversa sobre as sensações do eletrochoque e das medicações experimentadas pelo dramaturgo, foi proposto que os alunos escrevessem uma carta que abordasse temas como perda de liberdade, privação, dor, sensações semelhantes às experimentadas com a leitura feita. Aqui se fez um recorte para este estudo: é sobre esta última produção dos alunos que se optou por tratar neste trabalho.

Com os professores realizou-se apenas um encontro, de escriteitura de uma carta de Artaud (a mesma utilizada no quarto encontro com os alunos) destinada ao Dr. Ferdière e Dr. Latrimolière³, na qual diz de si, sobre a sua experiência no manicômio. A provocação da carta de Artaud se envolveu em um tanto de conversação e de traços da escrita no papel. É para a carta produzida neste encontro que o ouvido e as mãos foram direcionados.

Tanto os professores como os alunos foram tradutores: não apenas leram a

carta, mas as traduziram, transcriam em meio às suas vivências. Foram sensações que envolveram o ler-escrever, no movimento de transcrição de outra carta:

(...) porque a transcrição é um 'modo de traduzir que se preocupa eminentemente com a reconstituição da informação estética do original'" (SANTAELLA *apud* CORAZZA, 2011, p.65).

Com as cartas dos professores e dos alunos em mãos, os pesquisadores, também fazem um exercício de tradução: traduz-se transcriando o texto que se lê, pois "a tradução percorre as OsT 'como um dispositivo' que as esencadeia 'ou uma prática' que as desdobra" (CORAZZA, 2011, p. 60).

É com o método otobiográfico, desenvolvido por Monteiro (2013b), que a atenção voltou-se para as cartas. Tal método foi desenvolvido a partir da noção nietzschiana de vivências e do conceito de "otobiografias" proposto por Jacques Derrida (2009), no livro de mesmo nome, resultante de uma conferência na Universidade de Virgínia, Estados Unidos em 1976. Otobiografia se configura, aqui, como uma escuta de biografias. Das vivências que tracejam os escritos, das forças que movimentam o texto, as criações do autor que levam a sua assinatura única. Ouvir as vivências é ação-sensação do pesquisador, conforme a afirmação nietzschiana de que "não se tem ouvido para aquilo que não se tem acesso a partir da experiência" (NIETZSCHE, 1995, p. 53).

Esta pesquisa, como todas as de caráter qualitativo, opera com registros que, quando não são bem demarcados, podem soar quase incomunicáveis. Não é este o caso. Embora tenha sua potência de operação nas afecções da subjetividade, ela ressoa de critérios definidos e bem demarcados, não obstante sejam efetivados de maneira incomum com relação às pesquisas que geralmente são feitas em Ciências Humanas.

É preciso fazer um anúncio quanto à temporalidade: a marca deste estudo é a da simultaneidade. Há um conjunto operativo que se realiza em bloco simultâneo, justamente pela incapacidade de organizá-lo em sucessões. Se assim fosse, eles estariam sujeitos a um tipo de organização lógica que poderia criar hierarquias e pré-requisitos. Não é o caso aqui. O comparecimento simultâneo tenta mostrar que a aproximação do objeto tem uma potência explosiva. A escuta que se realiza a partir da produção dos alunos e dos professores tenta traduzir esta experiência de simultaneidade que marca a aproximação do objeto.

O primeiro aspecto não hierárquico do método é o de que a *otobiografia*, como analítica, busca a vida no texto e não seus nexos ou sentidos. Toda produção, quando plena de vida, é dionisíaca, argumenta Nietzsche. Assim, quando se toma

uma produção em mãos se quer a vida e não a frequência com que aparecem termos, ou os sentidos contidos no texto. Comparece, portanto, o conceito derridiano de *desvendamento* (*dévoilement*), qual seja, a decisão analítica de apreensão de várias direções significantes, pois toda produção vivente é plena de sentido, tem excesso de sentido. Assim, se quer *escutar* a vida e não criar nexos lógicos do texto com acidentes empíricos de seu autor.

Uma segunda simultaneidade é a *(des)posição* em que se coloca o pesquisador. Há uma posição, sim, mas uma posição deslocada, uma posição de abertura em relação à produção do vivente⁴. Parece ser uma *(des)posição*, porque tem uma inspiração desconstrutiva, livre das grades hermenêuticas e de gabaritos analíticos: posição necessária à escuta da vida em ato ou da vontade de potência, para usar a expressão nietzschiana.

A terceira anotação simultânea pode ser dita como *escreitura*, ou seja, o pesquisador registra sua analítica, aqui vista como leitura que se realiza pela escrita e escrita que se faz pela leitura. Neste sentido, o método da OsT se entrelaça ao método da pesquisa. O pesquisador despoja-se da pretensão de ouvir, o que se quis dizer e assume sua própria produção como *escreitura*, criação do inusitado, produção de sentidos novos. Este termo assumido nesta pesquisa leva à compreensão de que toda produção é ato de criação de sentido e não de transferência de sentido.

ESCUA DAS CARTAS ENVIADAS

Nem um instante aqui

Horas e horas, o tempo parece não passar. Dor e angústia. Tudo num só lugar. Não aguento mais ficar mais nem um instante aqui. Está tão calmo e diferente de como tudo era, a cada minuto vou mudando. Sentindo-me mais angustiado, triste, e nem um pouco amado. Me ajude, Andressa... (Renan).

Experimentação da angústia vinculada ao tempo que parece não passar, e que se apresenta com característica dupla: é permeado de tristeza e de tranquilidade e calma, em comparação com outras experiências. As vivências alimentam instintos, que se configuram, no corpo, como forças em luta, movimento característico da vontade de potência. Não parece haver previsão de trégua e, portanto, fica a sensação de simultaneidade entre tristeza e tranquilidade. Destaca-se que o tempo parece se configurar, na carta de Renan, como a hora

que não passa, como medida de comparação com experiências vividas e como o que escapa, fugaz (“a cada minuto vou mudando”).

O tempo que parece não passar para Renan chega como marca da eternidade: cada instante retorna infinitas vezes (NIETZSCHE, 2001). Ao tomar o tempo como eterno, Nietzsche apresenta o mundo como jogo de forças que se movimentam em combinações para formar um círculo de infindáveis mudanças e incessantes recorrências, como a ampulheta do eterno retorno, virada e revirada.

O tratamento que Derrida (2009) dá à autobiografia nietzschiana afirma a impossibilidade de escutar os nomes de Nietzsche sem considerar o anel do eterno retorno. É tolice tentar precisar a origem, o começo ou o primeiro movimento de sua assinatura. Sem expectativa de chegada, o tempo parece não poder ser datado com precisão: sensação das horas que não se vão, sensação da vida que é inapreensível, do que escapa, de seu caráter trágico.

Tem-se a sensação do trágico a partir da transcrição que se faz das expressões “calmo e diferente” e “triste”. Quando trata da cena do teatro, Nietzsche refere-se à tragédia grega (2006). Toma-a como materialização na cena, de um modo de perceber e conceber a vida: a teatralização da perda, impacto do que sempre escapa, como a imagem do gênio helênico, móvel, provisório. Da perspectiva com que se traduz a carta-escrileitura de Renan, as vivências de Artaud no manicômio se misturaram às suas próprias, como vida livre de fixações e alheia ao sentimento de posse.

Quão difícil é saber o que sou

Venho hoje te contar dos caminhos que trilhei. Alguns iluminados pelo sol, de puro êxtase e alegria e outros tantos, tão sombrios. Na busca do estar bem, quantos conflitos íntimos, dolorosos e solitários. Quão difícil é saber o que sou, o que quero, mas sobretudo, aquilo que me é permitido pela vida, nesta cidade na periferia do mundo (Professora⁵).

O cerceamento experimentado por Artaud e vazado em sua carta parece ser tema também da produção da professora. Encontram-se os limites postos pela vida “na periferia do mundo”, e deseja-se mais vida ao se esbarrar na vontade de realizar o difícil exercício de saber o que se é, tema tratado na autobiografia nietzschiana (1995). O envolvimento em noções de bem e mal circulantes em nossa sociedade parece conduzir como rebanho à separação de experiências e sensações em grupos de atribuições boas e más, tais como “sol”, “êxtase e alegria” e “sombrios”, “conflitos íntimos” e “dolorosos”, com atribuições de valores bem definidos destinados a cada um desses conjuntos.

No encontro com os professores durante a OsT Cartas, embora se tenha a sensação de haver encharcamentos em valores morais, não se teve a pretensão de censurar e nem prescrever condutas. Neste sentido, encontra-se e vive-se na leitura desta e de outras cartas, forças de criação do tornar-se, potência para o aproximar-se de como alguém se torna o que é: desejo da produção de si que envolve e extravasa a carta escrita.

Nietzsche toma o tornar-se, o que se é como inacabamento. Cada força ou ser-vivo microscópio quer abundância de vida, como que desejoso da arte dionisíaca. Com o termo “multiplicidade”, Nietzsche deixa que se note que qualquer tentativa de estabelecer uma unidade seria considerada simplificação. O “eu” é apenas uma atividade simulada pelo uso da linguagem, visto que o sujeito não se inscreve no modo de percepção nietzschiano. É assim o movimento das vivências nos escritos. E nas vivências se lança de olhos fechados (NIETZSCHE, 2008). Não se age como observadores quando se está nelas. Qualquer tentativa de racionalização pode atrapalhar sua boa assimilação intestinal. Bem, mas, com olhos fechados, pode-se também ser devorado por elas, ir fundo, sucumbir. Não se correria este risco pela possibilidade de mergulhar nos “refinamentos da fruição de si” (NIETZSCHE, 2004, p. 149)?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica-se com as ressonâncias: aquilo que se ouve das cartas, a partir de uma analítica baseada em gestos otobiográficos. Considera-se que as cartas têm um destino errante: são enviadas e deixam rastros da *différance* no mundo. Como escrituras, instauram um jogo de significações: não podem ser pensadas no horizonte do presente e da presença originária, não se deseja buscar sua estrutura, e espera-se que seus traços deixem espaços, permitam inclusões, efeitos da diferença.

Neste sentido, em todo o trabalho, considera-se que as cartas são permeadas pelos rastros das vivências dos autores. Não se pode olhar a carta de Renan como uma tradução das vivências de todos os alunos que participaram da oficina de transcrição Cartas, mas sim como uma fabulação trágica do autor a partir das vivências de Artaud que lhe foram apresentadas. Do mesmo modo, não se pode olhar a carta da professora como uma ressonância de todos os professores da escola.

A carta de Renan teve Andressa como destinatário. Andressa funciona como uma figura de ficção, como um nome de envio errante. A carta resulta do movimento de mãos e ideias, é expressão da fruição de si, refinamento de sensações em forma de afecção. Este acontecimento envolveu intensamente os autores dos textos (estudantes e professores) e os pesquisadores, todos estes escriletores em tarefa de artesãos-tradutores.

A sensação de inacabamento da professora afirma a impossibilidade de se escolher as vivências que se terá, bem como de se prever os seus resultados: não há funcionamento na lógica de causa e efeito. A escritura da professora, reflexão acerca do saber-de-si e do tornar-se, parece rico, inclusive em termos do exercício da docência. A princípio padronizada, contida em conteúdos, em aulas dadas, a prática docente parece poder se revestir de potência criadora, de refinamentos em propostas para os alunos, de vivências e traços singulares em modos de ensinar-aprender.

A *différance*, neste sentido, é notada nos escritos de si, marcados pela originalidade que diz da riqueza do que é único e não trocável: vivências singulares. Estas vivências provocam a escrita e a afetam, ainda que não se configurem como seu tema. Os escritos são recheados de vida, são produções escritas de si para si. Expressões da vontade de potência: vida que quer, a todo tempo, mais vida. Simultaneamente, a *différance*, como abertura ao jogo, oportuniza inserções próprias da transcrição. O ato de ler-escrever inclui enxertos, camadas e aprofundamentos, inclui, portanto, destinos imprevisíveis.

Isenta da pretensão de apresentar um arrazoado para condutas a serem adotadas por professores e estudantes, esta pesquisa aponta para algumas possibilidades de abertura dos espaços escolares para práticas de criação. A noção de escrita-pela-leitura e leitura-pela-escrita, que permeou os envios da OsT Cartas, funcionou como potência de textos inacabados, permanentemente abertos às mãos do leitor-escriptor e inaugurou modos de pensar e de escrever.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **Cartas desde Rodez**, II. Traducción de Ramón Font. Madrid: Fundamentos, 1986.

ARTAUD, Antonin. **Cartas desde Rodez**, III. 2. ed. Traducción de Pilar Calvo. Madrid: Fundamentos, 2006.

- CORAZZA, Sandra. **Os cantos de Fouror**: escrita em filosofia-educação. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS e Sulina, 2007.
- CORAZZA, Sandra Mara. Notas para pensar as Oficinas de Transcrição (OsT). In: HEUSER, Ester Maria Dreher (Org.). **Caderno de Notas 1**: projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: EdUFMT, 2011, p. 33-96.
- DERRIDA, Jacques. **Envio**. Discurso inaugural do XVIII Congresso de la sociedad francesa de filosofia, sobre o tema "La representación". Trad. Patrício Peñalver. Edição digital de Derrida en castellano, 1996.
- DERRIDA, Jacques. **Otobiografías**. La enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.
- DERRIDA, Jacques. **Esporas**. Tradução: Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Nau, 2013.
- KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**. O retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.
- MONTEIRO, Silas Borges. **Destinerrance**. Derrida neste pandemônio. Conferência no Seminário "Para uma filosofia do inferno na educação". Grupo Estudos de Filosofia e Formação, Instituto de Educação, UFMT, abril de 2013a.
- MONTEIRO, Silas Borges. **Quando a pedagogia forma professores**: uma investigação otobiográfica. Cuiabá: EdUFMT, 2013b.
- NEHAMAS, Alexander. Nietzsche. **Life as literature**. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 1985.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. — São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia** ou Helenismo e pessimismo. 2. ed. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano II**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Correspondencia IV**. Trad. de Luis Enrique de Santiago Guervós, Madri: Editorial Trotta, 2012.
- TEIXEIRA, Ana. O Teatro da Cura Cruel. **Interface**, Botucatu, v. 3, n. 5, Ago. 1999.

- 1 Participaram desta oficina de transcrição, a doutoranda Emília Biato; as pesquisadoras Elisabet Aguirre e Larissa Freire, a coordenadora pedagógica da escola Magna Luisa Pereira e os bolsistas de Iniciação Científica Aline Campos, Vithória Duarte e Vanessa Proença. Houve o apoio de Aline Lima e Carlos Augusto Santos, também bolsistas de Iniciação Científica.
- 2 Carta a Rohde de 15 de julho de 1882, por ocasião do lançamento de *A gaia ciência*.
- 3 Montagem de cartas escritas ao Dr. Latrimolière (6 janeiro de 1945) e ao Dr. Ferdière (24 de outubro de 1943). Extraído do texto do espetáculo Cartas de Rodez. Tradução Lilian Escorel.
- 4 Aqui se chama *vivente* com intuito de evitar o termo sujeito, pois carregado de conteúdo metafísico ao indicar um centralmente racional ou lógico, alvo da crítica fono(logo)cêntrica de Derrida.
- 5 A professora autora da carta não quis se identificar.